

OLHARES DOCENTES

A potência da literatura contemporânea produzida por escritoras negras¹

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva

Professor de Língua Portuguesa da SEDU-ES

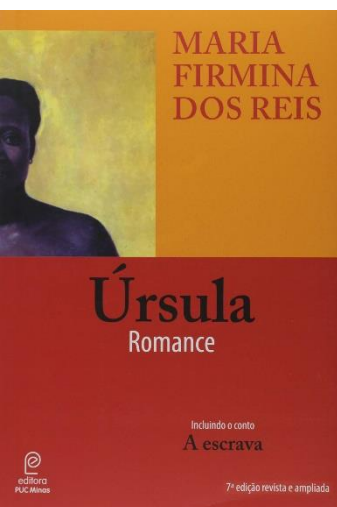


Escritora Maria Carolina de Jesus (1914-1977). Foto: Divulgação

Literatura produzida por negros sempre existiu no Brasil, mas a expressão ‘literatura negra’ ainda é recente, surgiu em nosso país ainda no século XX. Apesar disso, percebe-se que agora na contemporaneidade essas vozes têm ecoado para além do universo das letras e propagando narrativas e escrituras daqueles que foram ignorados, desde o período da colonização, pela voz daqueles que ditaram a história do Brasil: o homem branco.

Em nossas reflexões trazemos Carolina Maria de Jesus (1914-1977) que é tida para muitos como a primeira escritora negra do país a se destacar. Mesmo

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura de Conceição Evaristo, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.



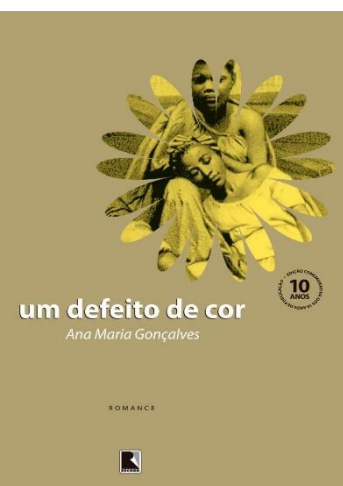
tendo a priori escritores negros que têm sua literatura compreendida pelo cânone nacional. Nota-se que houve um apagamento da mulher negra que escrevia em nosso país, como é o caso de Maria Firmino (1825-1917), educadora e servidora pública que só tinha até a 4ª série, autora do primeiro romance abolicionista do país, *Úrsula* (1859) e que em 1887 também publicou o conto *A Escrava*. Jaeckel (2015) ainda sobre este apagamento das escritoras negras de nosso país afirma que:

nos séculos XVIII e XIX, encontramos mulheres que vencem as barreiras impostas pela sociedade às pessoas de cor do sexo frágil e conseguem se articular como escritoras e publicar. Cabe mencionar aqui, Rosa Maria Egípcica de Vera Cruz que chegou ainda criança em 1725, à cidade do Rio de Janeiro, e também Teresa Margarida da Silva e Orta que publicou em 1752 suas *Máximas de virtude e formosura* (JAECKEL, 2015, p. 08).



Os escritores negros Cruz e Sousa, Lima Barreto e Machado de Assis (este até os anos 2000 era tido para muitos como um homem branco) tornaram-se ícones canônicos da tradição literária no país e têm seu espaço e importância merecidos, entretanto, pelo viés acima, compreendemos que um patriarcado literário não valorizou o lugar de fala e ancestralidade das mulheres negras que com seus enunciados colocavam em pauta a vida daqueles os quais estavam em estado de miserabilidade devido sua cor, por isso, entendemos que “a escrita literária feminina negra representa temas voltados para as condições vividas pelas mulheres negras em suas relações com a sociedade” (NASCIMENTO, 2018, p. 05).

Na contemporaneidade, a potência da escrita negra tem sido revelada, mesmo ainda de forma incipiente: professores tem levado estes textos para as escolas a fim de se construir uma discussão acerca das escrevivências desses indivíduos subalternizados, grupos de pesquisas investigam essa literatura nas universidades, editoras tem apostado nessa autoria, revistas científicas, cursos e pesquisas valorizando estas vozes – dando vez àqueles que ficaram à margem do contexto das letras do contexto nacional.



Com esses movimentos intelectuais dos dias modernos movem um olhar crítico acerca da presença do negro na literatura: o distanciamento racial entre as classes sociais, a mulher negra objetivada sexualizada ou em um posicionamento servil, o homem negro tido como um vadio, alcoólatra ou ladrão. Podemos rememorar nessas reflexões personagens como Amaro, de Adolfo Caminha em *O bom-crioulo* (1895) ou os estereótipos negros do *Sítio do Pica-pau Amarelo* (1920-1947), de Monteiro Lobato: Saci, um jovem negro, o

qual nem família tinha ou empregados, tidos como da família (que possivelmente trabalhavam em troca de casa e comida), como Tia Anastácia e Tio Bento.

Três escritoras afrodescendentes da contemporaneidade têm endossado a literatura negra em nosso país: a já citada Carolina Maria de Jesus juntamente de Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro. A primeira foi redescoberta recentemente e podemos considerá-la como a precursora, abrindo caminho para as outras duas. Carolina Maria de Jesus era uma catadora de papelão que a partir de seu lugar de fala nos faz refletir sobre sua condição de mulher negra, favelada, que ‘se vira’ para sustentar seus filhos e lutar contra a fome. *Quarto de despejo* (1960) é um retrato real de uma favela paulista.

Conceição Evaristo, mineira que em sua obra dá voz a personagens verossímeis, trata da ancestralidade negra numa sutileza fazendo-nos refletir acerca da dívida social que nosso país têm com a comunidade negra – a qual ‘respinga’ nos dias de hoje quando um jovem negro entra num supermercado e é perseguido ou quando uma menina-mãe negra e periférica de 12 ou 13 anos inicia precocemente sua vida de mulher com um ciclo de gravidezes precoces e indesejáveis.



Escritora Conceição Evaristo. Foto: Divulgação

Ana Maria Gonçalves é uma escritora contemporânea muito importante que com *Um defeito de cor* (2006), também nos faz pensar sobre o processo abolicionista que alforriou o negro da escravização, mas não melhorou sua condição social, porque este sem emprego, casa, família e necessidades básicas continuava à margem da sociedade. Gonçalves consegue mover um olhar crítico a este processo histórico que tem seus resquícios vigentes ainda na atualidade.



Escritora Ana Maria Gonçalves. Foto: Divulgação

A escritora negra Esmeralda Ribeiro, que assim como Conceição Evaristo, também participou da série *Cadernos negros* – editoriais que valorizam a autoria de escritores negros. A paulista também em sua obra evidência e quebra padrões referentes à comunidade negra, em especial a mulher:

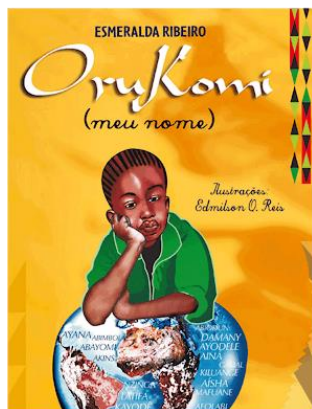
A produção literária de Ribeiro é composta por poemas, contos e textos críticos. Assim como Conceição Evaristo, estreou na literatura nos *Cadernos negros*, porém quase dez anos mais cedo, em 1982, conforme já mencionado. Desde então, está presente em praticamente todas as edições dos *Cadernos negros*, além de outras obras coletivas no Brasil e no exterior, em especial antologias de prosa e de poesia negras. Também é coorganizadora dos livros *The Afro-Brazilian mind* e *Black notebooks*, ambos lançados nos Estados Unidos em 2007, e da edição comemorativa de *Cadernos negros: três décadas* (2008). Conforme destaca Maria José Somerlate Barbosa (2011, p. 278), a obra de Esmeralda Ribeiro possui “uma nítida identificação com a

postura da chamada Geração Quilombohoje de privilegiar a publicação coletiva em detrimento da obra individual” (PEREIRA, 2016, p. 34).



Escritora Esmeralda Ribiro. Foto: Divulgação

Apesar de seu engajamento diante de pautas negras, Esmeralda Ribeiro possui apenas duas obras individuais: *Malungos e milongas* (1988), uma novela, e *Orukomi – meu nome* (2007), livro de literatura infanto-juvenil ilustrada, o qual narra a vida de um menino brasileiro que possui nome africano, nesta obra Ribeiro possibilita um diálogo entre as culturas afro-brasileira e africana, Pereira (2016). A sua obra necessita ser estudada no contexto acadêmico, percebemos ainda poucas reflexões científicas sobre ela.



Ao trazermos essas breves reflexões sobre a escrita de mulheres negras, percebemos o quão esse tecer literário é potencializador, pois as autoras aqui expostas tratam de temas que podem contribuir para uma sociedade antirracista e menos sexista, a qual pensa no outro a partir de suas experiências (escrevivências), porque a escrita negra além de cultivar a memória, rompe barreiras sociais, econômicas e culturais (Nascimento, 2008).

O texto literário é, ou deveria ser, um produto cultural humano e democrático, possuidor de um caráter responsivo, que possibilita ao leitor se posicionar perante o seu meio social. Ler estas mulheres negras é um ato político, pois a ação leitora é, ratificando Fiorin (2009), um processo histórico.



Referências

FIORIN, José Luiz. Leitura e dialogismo. In ZILBERMAN, Regina Rosing, Tania M.K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 41-60.

JACKEL, Volcker. A imagem da mulher no romance afro-brasileiro contemporâneo: Os casos de Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves. **Revista Moara**. Edição 43, jul-dez 2015, Estudos Literários.

NASCIMENTO, Mariana Marques do. **De antimusa a heroína: aspectos da autoapresentação feminina negra em “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo, e “Não vou mais lavar os pratos”, de Cristiane Sobral**. 1-Feb-2018. Trabalho de Conclusão de curso. (Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos) - Universidade Federal do Maranhão. São Bernardo - MA, 2018.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. A periferia em Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 49, p. 33-50, set./dez. 2016.

